



FRANCIELLI RANGEL DA SILVA
SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO

CONTOS DAS NARRATIVAS QUILOMBOLAS DE GRAÚNA





FRANCIELLI RANGEL DA SILVA
SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO

CONTOS DAS NARRATIVAS QUILOMBOLAS DE GRAÚNA

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
São Mateus
2025



Contos das narrativas quilombolas de Graúna © 2025, Francielli Rangel da Silva e Sebastião Pimentel Franco.

Orientador: Prof. Doutor Sebastião Pimentel Franco.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing

Diagramação: Ilvan Filho

DOI: 10.29327/5678872

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Francielli Rangel da.
Contos das narrativas quilombolas de Graúna / Francielli
Rangel da Silva, Sebastião Pimentel Franco.

São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2025.

25 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6013-159-0

1. Quilombos - Memórias. 2. Comunidade Quilombola
de Graúna (Itapemirim, ES). 3. Contos. I. Franco,
Sebastião Pimentel. Título.

CDD – 305.89608152



SUMÁRIO

Apresentação	05
Justificativa	06
Objetivos do guia	07
O Carnaval mágico de Dona Santa	08
Plano de aula 1: Máscaras da cultura popular	10
A história de Graúna	11
Plano de aula 1: Origem e território de Graúna	13
A ladainha de Graúna	14
Plano de aula 1: A fé em comunidade	15
Graúna de outrora	17
Plano de aula 1: Educação de ontem e de hoje	18
Meu diploma da quarta série	19
Plano de aula 1: Educação de ontem e de hoje	20
Considerações finais	21
Referências	22
Os autores	24





APRESENTAÇÃO

Como requisito da apresentação da minha dissertação realizei um e-book, “Contos das Narrativas Quilombolas de Graúna”, integra o projeto de mestrado voltado à educação quilombola e à alfabetização contextualizada. A obra nasceu do Projeto Raízes, realizado anualmente na escola, no qual moradores compartilham histórias e memórias, organizadas sob a coordenação pedagógica de Lucas da Silva Machado.

Os contos aqui reunidos, construídos a partir da oralidade comunitária, foram transformados em narrativas educativas acompanhadas de propostas pedagógicas para a alfabetização inicial. Trata-se de um convite a valorizar a identidade cultural, a memória coletiva e os saberes tradicionais como fundamentos de uma educação crítica, afetiva e emancipadora.





JUSTIFICATIVA

Este guia didático surge da necessidade de fortalecer os processos de alfabetização e letramento em contextos quilombolas, valorizando os saberes locais, a oralidade e a história das mulheres da Comunidade Quilombola de Graúna, localizada em Itapemirim/ES. Com base em narrativas colhidas a partir das vozes da comunidade, este material tem como objetivo ampliar o repertório pedagógico de professores(as) do ensino fundamental, promovendo uma educação contextualizada, antirracista, afetiva e culturalmente significativa.

A inviabilização de saberes tradicionais nos currículos escolares compromete a formação integral dos estudantes quilombolas, que muitas vezes não se reconhecem nos livros, nas práticas pedagógicas e nos espaços escolares. Assim, este guia é uma resposta pedagógica e política às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, à Lei 10.639/03 e ao Plano Nacional de Educação, contribuindo para a valorização das memórias locais, da identidade quilombola e da justiça social.





OBJETIVOS DO GUIA

OBJETIVO GERAL

Promover o ensino-aprendizagem significativo por meio de práticas pedagógicas baseadas em contos e narrativas orais da Comunidade Quilombola de Graúna, articulando alfabetização, saberes tradicionais e valorização da cultura local.

Habilidade EF15LP19

“Recontar, com e sem o apoio de imagem, textos literários lidos (contos, lendas, crônicas etc.)”, na prática de Oralidade.





O CARNAVAL MÁGICO DE DONA SANTA

Há muito, muito tempo, na encantadora comunidade de Graúna, escondida entre os rios Grande e Pequeno, vivia uma senhora muito especial chamada Dona Santa. Ela era conhecida por ter um coração tão grande quanto sua alegria, e por ser a responsável por organizar o Carnaval mais incrível que já se viu por aquelas bandas. O Carnaval de Dona Santa era simples, mas repleto de respeito, alegria e união. Quando essa época do ano se aproximava, a comunidade inteira se mobilizava. As ruas de Graúna se enchiam de cores, risadas e muita animação. Crianças, jovens e adultos vestiam fantasias criadas com o que tinham em casa – algumas feitas com sacos de farinha, que deixavam todos parecendo fantasmas divertidos. Mas havia uma fantasia que encantava a todos: a dos meninos chamados “Caras-Sujas”.





Eles eram criativos e usavam garrafinhas verdes de vinagre derretidas para fabricar suas próprias máscaras, que depois pintavam com muitas cores vibrantes. Também criavam outras máscaras com papelão, dando vida a personagens únicos e cheios de expressão.

Durante os dias de festa, os “Caras-Sujas” desfilavam orgulhosos pelas ruas da comunidade, exibindo suas máscaras artesanais e contagiando todos com sua alegria. As crianças brincavam de pega-pega, corriam, dançavam e gargalhavam sem parar.

Enquanto isso, os adultos dançavam jongo ao redor de fogueiras acesas, celebrando a cultura e a união do povo de Graúna. As músicas ecoavam pelos becos e caminhos, e todos cantavam juntos, de mãos dadas, em uma sintonia cheia de amor e tradição. No meio de tudo isso, estava Dona Santa, observando tudo com um sorriso carinhoso.

Seu coração se enchia de orgulho ao ver a comunidade tão unida, celebrando com tanta alegria.

Ela sabia que aquele Carnaval era muito mais do que uma festa – era um momento mágico que criava memórias felizes, que ficariam guardadas para sempre no coração de cada criança. Ano após ano, o Carnaval de Dona Santa tornava-se ainda mais especial, mantendo viva a chama da tradição e da amizade entre todos. E assim, naquela pequena comunidade entre rios e histórias, o Carnaval de Graúna seguia encantando gerações, como um dos tempos mais queridos e mágicos do ano.

Narrado por: Raylane da Silva Santos (Moradora de Graúna)





AULA 1: MÁSCARAS DA CULTURA POPULAR

Objetivo:

Compreender o significado cultural das máscaras no Carnaval de Graúna e desenvolver a criatividade ao confeccionar máscaras tradicionais.

Habilidade (EF15AR05):

Explorar diferentes formas de expressão nas artes visuais com base em vivências culturais.

Metodologia:

- Leitura e conversa sobre os “Caras-Sujas”.
- Exposição de máscaras típicas (fotos, vídeos ou objetos). Confeção de máscaras com papelão, tinta, barbante e sucatas.
- Exposição das produções com explicação oral dos alunos.





A HISTÓRIA DE GRAÚNA

lá, tudo bem? Eu sou o Nonô e quero te contar uma história sobre um lugar muito especial: a comunidade de Graúna. Já ouviu falar?

Graúna é uma comunidade antiga, que surgiu por volta do século XIX. Naquela época, as terras onde ela nasceu pertenciam à antiga Fazenda Santo Antônio do Muqui, cujo dono era Joaquim Marcelino da Silva Lima, mais conhecido como o Barão de Itapemirim.

A origem dessa comunidade é cercada por muitas conversas e versões. Alguns dizem que foi o próprio barão quem doou as terras, numa tentativa de manter a paz com os trabalhadores de origem africana. Outros acreditam que Graúna nasceu da luta e da resistência dos escravizados que ali viviam. Mas a história que a maioria das pessoas conta é a de Dona Antônia Francisca da Silva, uma mulher que teve um papel muito importante nesse início.

Em 1851, Dona Antônia fez uma grande doação de terras no sul do Rio Muqui que meu pai chama de rio pequeno para pessoas que haviam sido libertas do trabalho escravo. E eu sei o nome de algumas dessas pessoas que receberam essas terras: Ediverges, seu marido André, José, sua esposa Rosa, a mulatinha Ignácia e Paulo, o Frutuoso. Eles foram os primeiros moradores a viver naquele território, com suas famílias.





Dona Antônia desejava que essas terras fossem passadas de geração em geração, garantindo às famílias um lar permanente.

E assim foi: as famílias de Graúna viveram por muitos anos às margens do Rio Muqui, cultivando a terra, criando animais, festejando e mantendo vivas suas tradições.

Mais tarde, durante um período de repressão, os moradores de Graúna começaram a se mudar para mais perto da nova estrada principal, a rodovia Safra-Marataízes, onde a comunidade está localizada atualmente.

Em 2010, Graúna foi oficialmente reconhecida pela Fundação Palmares como uma Comunidade Quilombola. Esse reconhecimento fortaleceu a identidade da comunidade, valorizando suas manifestações culturais e artísticas de origem africana, além de garantir direitos importantes aos seus moradores. E assim, Graúna segue viva e forte, com suas histórias e memórias sendo passadas de geração em geração. Um lugar que nos ensina, todos os dias, a importância de valorizar nossas raízes e manter acesa a chama da cultura e da união.

*Narrado por: **Leonor Ventura** (Morador de Graúna)*





AULA 1: ORIGEM E TERRITÓRIO DE GRAÚNA

Objetivo:

Compreender a origem histórica da comunidade de Graúna e sua relação com o território ocupado pelas famílias remanescentes de quilombolas.

Habilidade (História – EF03HI03):

Reconhecer a presença indígena e africana na formação do território brasileiro, valorizando sua contribuição.

Metodologia:

- Leitura coletiva do texto.
- Roda de conversa: “O que sabemos sobre o começo da nossa comunidade?”
- Construção de uma linha do tempo ilustrada com os marcos da história de Graúna.
- Produção de um mapa simbólico com os locais importantes (rio, antiga fazenda, estrada atual).





A LADAINHA DE GRAÚNA

Perdida entre as matas do vale do rio Itapemirim, existia uma comunidade simples e acolhedora chamada Graúna. A maior parte das casas ficava espalhada pela Vargem, um lugar tranquilo, onde a vida seguia em um ritmo sereno e cheio de memórias. Lá viviam pessoas marcantes como seu Agripino, dona Santa, seu Murilo, seu Salime, dona Nadilha, seu José Rosa, dona Maria, seu Maurício, seu João Rodovalho, seu João Souza, dona Maria Ventura, seu Manuel Pica Fumo, dona Joaquina, entre tantos outros moradores que formavam os alicerces da comunidade.

Entre os momentos mais esperados do ano estava a reza da ladainha. Era uma celebração especial, cheia de emoção e encontro. Gente de todos os cantos se reunia — da Vargem de cima e da de baixo, da estrada nova e do campo — para participar dessa tradição tão querida. Todos se preparavam com muito cuidado para a ocasião. As mulheres vestiam seus vestidos rodados e coloridos, confeccionados com tecidos de chita ou organza, que passavam horas sendo engo-





mados com ferro à brasa. Os homens se apresentavam com calças de linho e camisas de tergal. As meninas usavam brincos de Garrafinha, simples, mas especiais e repletos de significado. Durante a quaresma, em tempos em que as histórias de lobisomem assustavam as noites, a festa ainda acontecia com muita alegria.

Os jovens, mesmo receosos, saíam pelas ruas com tochas acesas e pedaços de pau, prontos para espantar qualquer criatura. No dia seguinte, as risadas tomavam conta da comunidade. Todos contavam seus causos e brincavam entre si, dizendo que tinham visto o lobisomem virar no meio do mato. Mas o ponto mais sagrado e bonito da festa era a reza da ladainha. Seu Nelson e dona Naldilha eram os responsáveis por conduzir as orações. Com bastões em mãos, marcavam o ritmo e guiavam as palavras. A comunidade inteira repetia em voz alta, em uníssono, com fé e devoção, enchendo o ar de paz e harmonia. A ladainha não era apenas uma cerimônia religiosa. Era um momento de união e fortalecimento dos laços de amizade e vizinhança. Após a reza, todos se reuniam nos quintais, conversavam, comiam juntos e, para encerrar com chave de ouro, formavam uma roda de jongo inesquecível — cheia de canto, dança e ancestralidade.

*Narrado por: **Thayan Nobre Silva Machado** (Morador de Graúna)*

AULA 1: A FÉ EM COMUNIDADE - O QUE É A LADAINHA?

Objetivo:

Compreender o significado cultural e espiritual da ladainha como tradição religiosa da comunidade quilombola de Graúna.



**Habilidade (EF03HI02):**

Identificar manifestações culturais e religiosas presentes na comunidade em que vive e compreender sua importância histórica.

Metodologia:

Leitura compartilhada do texto; roda de conversa; pesquisa com familiares; reescrita coletiva em forma de poema ou cartaz; pintura do momento da reza.





GRAÚNA DE OUTRORA

Há muito, muito tempo, na comunidade de Graúna, escondida entre os cantos do Espírito Santo, perto dos rios Grande e Pequeno, vivia um povo cheio de sabedoria e tradição. As casas, feitas de sapê e cobertas com telhas de palha, formavam quintais amplos, cheios de vida, histórias e encontros.

Os pescadores da comunidade eram ágeis e experientes. Conheciam cada curva dos rios e sabiam exatamente onde lançar suas redes para trazer peixes de água doce às suas famílias. Com mãos habilidosas e olhos atentos, garantiam a fartura que alimentava o corpo e o espírito.

As famílias também eram dedicadas agricultoras. Em suas roças próximas às casas, cultivavam mandioca, que depois transformavam em farinha. Era comum ver, nos fins de tarde, o preparo da farinha com conversa, risos e cheiros que se espalhavam pelos caminhos. E quando a cana era moída, produziam um café adoçado com seu caldo, criando delícias que deixavam todos com água na boca.

A vida em Graúna era cheia de trabalho, mas também de alegria e união. As crianças corriam pelos quintais, brincando e aprendendo com os mais velhos. E os mais velhos aqueles que carregavam os cabelos brancos e os olhos cheios de lembranças eram os griots, os sábios da comunidade. Eles guarda-





vam as histórias, contavam os causos dos antepassados, e ensinavam com firmeza e ternura as lições da vida.

Assim era a antiga Graúna: uma terra de gente humilde, trabalhadora, orgulhosa de sua cultura e de seu pertencimento. Cada pessoa tinha seu papel, e todas viviam em harmonia com a natureza e com as tradições que herdaram.

Até hoje, os descendentes daquela comunidade, com o peito cheio de orgulho, dizem com firmeza: “Sou da Graúna”, mantendo aceso o legado deixado por seus ancestrais.

Narrado por: Hosana Silva Marques Pereira (Moradora de Graúna)

AULA 1: SABERES DO QUINTAL - AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO

Objetivo:

Compreender os saberes tradicionais sobre o cultivo da mandioca e a produção de alimentos como a farinha, valorizando práticas agrícolas da comunidade.

Habilidade (Ciências – EF04CI02):

Investigar, com base em diferentes fontes, práticas agrícolas tradicionais e sua relação com os modos de vida das populações locais.

Metodologia:

Leitura compartilhada do texto; roda de conversa com griots da comunidade; oficina prática com massinha ou ilustração; produção de cartazes e registros no caderno.





MEU DIPLOMA DA QUARTA SÉRIE

Essa é uma história que foi contada há muitos anos, e agora é o papai quem a revive, mostrando para todos o quanto a educação faz falta e o quanto ela é valiosa.

Naquele tempo, estudar não era fácil. Quem quisesse aprender precisava vencer muitos desafios. A escola ficava longe, e era preciso caminhar quilômetros pela estrada para poder chegar até lá.

A mochila? Era uma sacola de arroz reaproveitada. Os materiais eram escassos: havia apenas um lápis para usar, e quem não tinha borracha precisava apagar com o dedo mesmo. Caneta era um luxo inalcançável, algo que nem em sonhos se podia ter. A disciplina era rígida. Se alguém desobedecesse, acabava de castigo ajoelhado no carvão de milho, encarando a parede até o tempo passar. Perto da escola havia um campinho, onde as crianças se divertiam jogando bola no recreio. A merenda? Só existia para os mais abastados ou para quem pudesse levar algo de casa.

Ao retornar da escola, a criança não encontrava descanso. Papai já esperava com as ferramentas: foice, facão, enxada. Era hora de ir para a roça. Na canguta carregada de ferramentas um verdadeiro peso de caminhar.

Narrado por: Katiscilene da Silva Fabiano Costa





AULA 1: EDUCAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE

Objetivo:

Comparar a realidade escolar do passado com a atual, reconhecendo avanços e permanências na educação.

Habilidade (História – EF02HI04):

Comparar modos de vida de tempos passados e presentes em diferentes contextos (urbanos, rurais, indígenas, quilombolas etc.).

Metodologia:

- Leitura coletiva do texto.
- Roda de conversa: “Como era a escola do papai e da mamãe?”
- Produção de cartaz comparativo: “Antes x Hoje” (uniforme, material, transporte, alimentação, castigos etc.).
- Desenho ou dramatização das cenas da escola antiga.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este guia didático nasce da escuta sensível e respeitosa das vozes dos moradores da Comunidade Quilombola de Graúna. Por meio de contos repletos de afetividade, memória e ancestralidade, buscamos valorizar os saberes tradicionais e a oralidade como fundamentos pedagógicos no processo de alfabetização.

Cada narrativa apresentada desde o “Carnaval Mágico de Dona Santa” até “Meu Diploma da 4ª Série” revela um modo de viver que resiste ao esquecimento, oferecendo aos educadores uma rica fonte de experiências culturais para trabalhar a leitura, a escrita e o pertencimento. Ao propor planos de aula contextualizados, sugerimos caminhos para uma prática pedagógica antirracista, afetiva e em diálogo com os territórios quilombolas.

Esperamos que este material sirva como instrumento de empoderamento, inspiração e transformação, aproximando a escola das raízes da comunidade e ampliando os horizontes da educação quilombola. Como diziam as anciãs de Graúna: “Quem ouve, aprende. Quem conta, ensina. E quem vive, guarda no coração.”





REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Territórios quilombolas e a política de regularização fundiária no Brasil. Manaus: Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, 2006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – BNCC. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 2 set. 2025.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Brasília: Ministério da Educação, 2012. CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Educação para a igualdade racial: reflexões e práticas pedagógicas. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

TAVARES, Lúcia Maria de Assunção. Oralidade e ancestralidade: saberes que educam. São Paulo: Cortez, 2023.





MACHADO, L. S. (Org.). Tesouro de Graúna: histórias infantis da comunidade de Graúna – Itapemirim/ES. Graúna: EEEF Graúna, 2021. Produzido coletivamente por professores da escola com base em depoimentos de moradores da comunidade.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL GRAÚNA. Projeto Político-Pedagógico. Graúna, Itapemirim–ES: EEEF Graúna, 2025. Documento interno.

MACHADO, Lucas da Silva. No caminho das águas: a trajetória de Itapemirim e de seu porto (1800-1850). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

MACHADO, Lucas da Silva. Educação Quilombola: O Papel da Escola na Formação da Identidade: O Caso de Graúna. 2017. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Direitos Humanos - Especialização EAD) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.





OS AUTORES

FRANCIELLI RANGEL DA SILVA

Graduada em Pedagogia pela faculdade UNISA, Pós Graduação Lato Sensu em Educação Infantil, Alfabetização, Educação Especial, Eja – Educação de Jovens e Adultos e Ensino Religioso, pela faculdade Futura. Mestrando em Ciências, Tecnologia e Educação pela faculdade UNIVC.





SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO

Licenciado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (1977). Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1981). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994). Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Pós Doutor em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2013).



Exerceu o cargo de Pró-Reitor da Universidade Federal do Espírito Santo entre 2010-2012. É Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Espírito Santo onde atua no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, entre 2013 a 2017. Bolsista Pesquisador Capixaba de 2023-2025. Atualmente é também professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré e bolsista Pesquisador Produtividade do CNPq/FAPES Áreas de atuação: Estudo das políticas públicas na área de educação implementadas pelos governos imperiais e republicanos, História da Medicina, com ênfase na História da saúde e representação social das doenças e História do Brasil e do Espírito Santo no Oitocentos. Participante do Grupo de Pesquisa História, Poder e Linguagens.





ISBN: 978-65-6013-159-0

DIÁLOGO
EDITORIAL

